

Abreviaturas na internet: aspectos gráficos, fonético-fonológicos e morfológicos no registro da coda silábica¹

Carla Jeanny Fusca
Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho

Resumo

Neste artigo, objetivamos analisar a frequência de registro de codas silábicas em abreviaturas na internet, bem como possíveis relações dessas grafias com características de enunciados falados. Fundamentamo-nos, para tanto, na concepção de heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), na noção de sílaba fonológica (SELKIRK, 1982) e em características fonético-acústicas dos segmentos enfocados. Com base em um *corpus* constituído de “conversas” *on-line* coletadas em salas de bate-papo virtual (*chat*) em aberto, observamos diferentes porcentagens de registros gráficos de nasal, semivogal, vibrante (os quais relacionamos a fatores fonético-fonológicos) e de fricativa (relacionados à morfologia da palavra) em posição de coda silábica. A análise dos dados traz evidências de que, na internet, o escrevente não se guia apenas por aspectos da oralidade, mas também por aspectos de (suas) práticas letradas/escritas.

Palavras-chave: aquisição da escrita; letramento; abreviação; sílaba; bate-papo virtual.

¹ Agradecemos à Prof^ª. Dr^ª. Larissa Berti (UNESP/SJRP) por comentários e sugestões feitos a uma primeira versão deste estudo a partir das reflexões desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, UNESP/ São José do Rio Preto.

Abbreviations on the internet: graphic, phonetic-phonological and morphologic aspects on the coda syllabic register

Abstract

In this article, we aimed at analyzing the frequency of syllabic codas register in abbreviations on the internet and their possible relations with oral aspects of the language. We are based on the conception of *writing heterogeneity* (CORRÊA, 2004), on the phonological syllable notions (SELKIRK, 1982) and on the phonetic-acoustic characteristics of the segments on focus. Starting from a constituted *corpus* of on-line chats, we observed different percentages of nasal, semivowel, vibrant (related to phonetic-phonological factors) and fricative (related to morphology) registrations in the position of the syllabic coda. The analysis of the data shows that the writer, on the internet, is not just guided by oral aspects of the language, but also by aspects of literacy practices.

Keywords: writing; literacy, abbreviation; syllable; virtual chat.

Desde meados da década de 90, o uso de computador deixou de ser restrito ao universo militar, acadêmico e das grandes empresas para se tornar objeto doméstico, integrado ao dia a dia de pessoas das mais variadas idades. Questionamentos surgem frente à popularização das novas tecnologias, principalmente no que se refere à relação entre o homem e a linguagem. Há sensação de que fronteiras materiais estejam sendo abolidas na comunicação humana: *notebooks*, celulares e internet sem fio possibilitam que nunca se esteja só – seja em casa, no trânsito, no *shopping* ou no aeroporto. Com um simples “clique”, é possível ler as últimas notícias nacionais e internacionais, bater papo *on-line* com conhecidos e desconhecidos, estejam eles a alguns metros ou a milhares de quilômetros de distância.

Dentre as dúvidas sobre “malefícios” e/ou “benefícios” que essa forma de se comunicar pode gerar, uma tem nos chamado a atenção: como os jovens, as crianças e mesmo os adultos se relacionam com a linguagem na internet? Na escrita de bate-papos virtuais (*chats*),

observam-se (ora com espanto, ora com entusiasmo) abreviações de palavras, falta de acentuação e de pontuação convencionais, uso de “carinhas”, repetição de letras e outras ocorrências que desestabilizam a concepção de “língua escrita culta” – aquela que a escola ensina, baseada em normas ditadas por gramáticas e manuais.

Como a escrita na internet se constitui? Seria uma nova escrita, mais evoluída, ou uma “violação bizarra” de normas que (não) precisariam ser seguidas? Pais, educadores e sociedade em geral se questionam sobre os possíveis “danos” que essa escrita “teclada” traria às crianças e aos adolescentes em fase de escolarização, momento em que a escrita considerada “correta” está sendo adquirida. Um exemplo de tal preocupação é dado pela posição de uma internauta que, ao comentar uma matéria recente sobre o chamado “internetês” (a escrita tipicamente reconhecida como *da* internet), publicada na Revista Galileu,² questiona o “porque nao viciar [jovens] na escrita correta... incentivar os adolescentes a usufruir da linguagem que é rica, cheia de pronuncias formais” [sic!]. Em outro comentário, uma segunda pessoa afirma: “Quem atualmente não escreve deste jeito? A praticidade de se escrever as palavras abreviadas tem tomado conta da Rede de uma forma catastrófica”. Observamos, nessa última opinião, maior naturalidade em se aceitar uma forma supostamente habitual de se escrever na rede – ainda que “catastrófica”.

Os profissionais vinculados às ciências da linguagem devem à sociedade um posicionamento científico a respeito dessa maneira de escrever na internet. Estudos têm sido realizados, nesse sentido, por pesquisadores brasileiros (cf. BRAGA, 1999; XAVIER & SANTOS, 2000; MARCUSCHI, 2005; ARAÚJO, 2004, 2005, 2007), apesar de nem sempre convergirem, teoricamente, em relação a concepções centrais, como a de escrita, de texto e de discurso.

² Trata-se da matéria intitulada “Vc tb gosta d escrever assim?????”, publicada na edição de abril de 2009. Os comentários dos escreventes estão disponíveis *on-line* em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG86845-8489-213,00-VC+TB+GOSTA+D+ESCREVE+ASSIM.html>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

Em trabalhos anteriores (cf. LUIZ SOBRINHO, 2007, 2008; FUSCA, 2007, 2008), procuramos refletir sobre a escrita na internet, no âmbito dos estudos linguísticos, de modo a apresentar fatos de linguagem que possam fundamentar ações e metodologias de ensino, por parte de profissionais envolvidos com educação, no que se refere à prática escrita de jovens no chamado mundo virtual. O presente trabalho vincula-se, mais diretamente, a reflexões desenvolvidas por Fusca (2007, 2008), a qual analisou a relação entre fala e escrita em abreviaturas digitais, buscando detectar regularidades linguísticas que constituíssem o processo de abreviação observado na internet, bem como aspectos discursivos que condicionassem a emergência dessa prática de escrita abreviada. Como resultado, a pesquisadora propôs a existência de pelo menos quatro processos formadores de abreviaturas:

- (1) registro gráfico do primeiro grafema de cada sílaba: *vc* (você), *tc* (teclar);
- (2) modo de enunciação oral: *taum* (estão), *bele* (beleza);
- (3) simplificação de dígrafos: *aki* (aqui), *ki* (que);
- (4) empréstimo linguístico: *add* (adicionar)

No interior desses processos, Fusca (2007, 2008) observou a vinculação do escrevente de bate-papos ora mais diretamente a práticas letradas, ora mais diretamente a práticas orais, o que caracteriza, da perspectiva adotada, não a interferência do falado no escrito, mas a *heterogeneidade da escrita* (CORRÊA, 2004). Se nos detivermos na abreviação do tipo (1), por exemplo, observamos que o escrevente, ao abreviar, considera aspectos da constituição silábica dos vocábulos já que privilegia a omissão de grafemas que ocupam a posição da rima silábica, em detrimento dos grafemas que ocupam a posição do ataque.

Nesse sentido, para Fusca, o processo de abreviação na internet não consiste em mero “corte” aleatório de letras/grafemas, mas, sim, em um recurso linguístico do português, utilizado por usuários de bate-papo de

maneira sistemática e regular (FUSCA, 2007). O processo em análise pode ser explicado por meio da noção de sílaba, pois se observa relativa estabilidade na omissão/representação gráfica de elementos que, em uma visão normativa da escrita, seriam necessários à compreensão do enunciado por parte do interlocutor.

Visando a aprofundar a reflexão de Fusca (2007), no presente trabalho, assumimos como objetivos: (i) investigar, nas abreviaturas que compõem o *corpus* do trabalho, o registro gráfico (ou a ausência) de elemento consonantal e de semivogal da posição de coda em sílabas que apresentam essa possibilidade de registro; e (ii) fornecer subsídios teóricos que possam fundamentar linguisticamente o ensino de Língua Portuguesa.

Para tanto, apoiamos-nos em dados extraídos de duas “conversas” coletadas em salas de bate-papo abertas, frequentadas por jovens que, supostamente, têm entre 10 e 15 anos³. As salas de bate-papo virtual em aberto consistem em páginas disponíveis na internet, as quais podem ser acessadas por meio de um provedor. Para este trabalho, foram acessadas salas do provedor UOL (*Universo On-Line*).

A seguir, explicitamos a fundamentação teórico-metodológica que embasa esta investigação. Assumimos a concepção de *heterogeneidade da escrita*, em conformidade com Corrêa (2004), e a noção de sílaba fonológica de Selkirk (1982, 1984) para a apreensão dos fatos linguísticos presentes no *corpus*⁴. Com relação aos aspectos acústicos, apoiamos-nos em Camara Jr (1970), no que se refere à sílaba, e em Kent & Read (1992), no que tange à descrição fonético-acústica dos

³ Não descartamos, pois, a possibilidade de adultos acessarem a sala e se passarem por crianças e adolescentes, já que o ambiente em questão é de domínio público – qualquer um pode acessá-lo –, e a interação é anônima – os integrantes se identificam por meio de apelidos. Para esta pesquisa, interessa-nos, antes, o efeito de sentido gerado entre usuários de *chats* que dizem ter entre 10 e 15 anos de idade.

⁴ A noção de sílaba fonológica, tal como proposta por Selkirk (1982), será utilizada como ferramenta de análise. Este trabalho não tem como objetivo, portanto, problematizar aspectos do modelo adotado.

segmentos enfocados. Mais adiante, nos deteremos na descrição do material de estudo, o bate-papo virtual em aberto. Na última seção, com base na recorrência estatística da grafia de coda simples no *corpus*, procuramos desenvolver a hipótese de que os diferentes percentuais de registro das quatro possibilidades de coda simples podem ser motivados por fatores fonético-fonológicos e, em alguns casos, morfológicos.

Fundamentação teórica

De uma perspectiva tradicional, baseada no que apregoa a gramática normativa, a escrita é vista, pela sociedade, como permeada por regras que prescrevem seu funcionamento. A fala, entendida como modalidade outra da língua, é mais frequentemente associada a situações coloquiais, sendo comumente vista como “errada” ou “incoerente”. Essa imagem do que é e de como se constitui fala e escrita pode ter origem no que Corrêa (2004) define como o *império da escrita*. Segundo esse autor, a matéria gráfica, o caráter simbólico próprio e a suposta não-variação do produto no tempo são propriedades tidas como inerentes e próprias da escrita, as quais justificariam o uso predominante da escrita alfabética sobre outras formas de registro.

Ao procurar desconstruir as razões que justificariam o império da escrita, Corrêa (2004) defende que a escrita é permeada pela fala, ou seja, que a escrita é *heterogênea* – idéia que caracteriza a noção de *modo heterogêneo de constituição da escrita*, central nos estudos desse autor. Fala e escrita, dessa forma, são consideradas dois sistemas semióticos distintos, mas que se inter-relacionam, por meio de uma indissociabilidade entre fatos linguísticos e sociais da *oralidade/fala* e do *letramento/escrita*.

O fato é que existe um imaginário social a respeito da maneira como a escrita deve se caracterizar. Essa representação atinge não apenas o escrevente, mas os demais sujeitos que entram em contato com a escrita, participando de sua *re-criação*. Para Corrêa (2004), a

escrita configura um caráter de *não acabar*: é um *processo* (real) e não um produto (acabado e ideal) que se materializa na forma gráfica. Tomar a escrita como *processo* é se contrapor à ideia de que um texto, escrito ou falado, seja concebido como produto caracterizado pela (imagem de) pureza (CORRÊA, 2004).

Conceber a escrita como processo permite, ainda, segundo Corrêa, que o pesquisador reflita sobre a circulação do escrevente pelo imaginário social sobre escrita a partir de três eixos – os quais constituem um recurso metodológico proposto pelo autor –, a saber: (a) a representação da gênese da escrita; (b) a representação do código escrito institucionalizado; (c) a dialogia com o já falado/escrito. Os três eixos de circulação do escrevente dialogam e se relacionam constantemente entre si, o que indicia uma circulação dialógica do escrevente, reflexo da dialogicidade da linguagem, irrestrita à escrita.

Com base na concepção de escrita proposta por Corrêa (2004), assumimos que determinadas práticas de escrita na rede – como as já citadas abreviaturas, dentre outras ocorrências – consistem em um lugar privilegiado para que seja observada a heterogeneidade *da* escrita. Sem se restringir aos bate-papos virtuais, a escrita sempre será constituída por aspectos considerados pertencentes à oralidade/fala, independentemente de a situação de letramento/escrita ser mais, ou menos, formal.

Na reflexão que empreendemos, centramo-nos, sobretudo, no primeiro eixo proposto por Corrêa (2004), ou seja, aquele que diz respeito aos momentos em que o escrevente toma a (sua) escrita (ao registrar ou não as codas de sílabas abreviadas) como representação, termo a termo, da oralidade – em uma suposta *gênese da escrita*, segundo a qual o sujeito escrevente procura plasmar, na escrita, aspectos da oralidade. Para tanto, consideramos em nossas análises que, além de haver uma imagem de escrita compartilhada pelos escreventes participantes da “conversa” *on-line*, há, ainda, a imagem de outras instituições que cerceiam e legitimam essa atividade de escrita, como a da escola e a da família, as quais costumam considerar esse gênero

discursivo em emergência como “prejudicial” à aquisição de uma suposta forma correta de escrita.

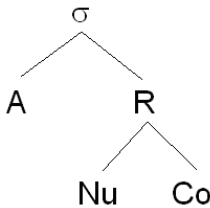
Como uma de nossas preocupações, na análise de dados da escrita digital, é atentar para a relação entre práticas orais e práticas escritas, elegemos a sílaba como um constituinte fonológico que viabiliza estabelecer essa relação. Neste trabalho, será utilizada a noção de sílaba fonológica, tal como proposta por Selkirk (1982, 1984).

Embora a noção de sílaba não seja de fácil definição, autores como Selkirk (1982, 1984) e Jakobson (1985) são unânimes ao afirmar que a sílaba é o lugar central de organização de segmentos, o que, a nosso ver, ocorre tanto, fonético-fonologicamente, na fala quanto, ortograficamente, na escrita.

Tomando a sílaba como unidade em torno da qual os segmentos (falados e escritos) se organizam, este trabalho buscará observar o registro e a ausência de registro de elementos consonantais e semivogais que ocupariam a posição de coda de sílabas de vocábulos que apresentam, convencionalmente, essa posição preenchida.

Para Selkirk (1982), enquanto unidade fonológica, as sílabas são internamente estruturadas em constituintes, como demonstra a representação abaixo:

Figura 1: Representação da sílaba de acordo com a teoria métrica



Como se pode deduzir dessa representação gráfica, para a autora a sílaba é dotada de uma estrutura não-linear de constituintes. Assim, uma

sílaba teria dois constituintes imediatos, um ataque (A) e uma rima (R); a rima, por sua vez, apresenta um núcleo (Nu) e uma coda (Co). No modelo de Selkirk, qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia ou não preenchida.

Conforme adiantado, neste trabalho, assumimos a noção de sílaba proposta por essa autora, uma vez que é possível notar, no caso do português, a existência de fortes restrições em relação aos elementos que podem ocupar as diferentes posições da sílaba e às posições que devem ser representadas e àquelas que podem ser vazias. Por exemplo, nem todos os segmentos podem preencher a coda, em português, apenas /R/, /L/, /S/, /N/ e as semivogais (ou glides). Em geral, os segmentos que podem preencher a coda também podem ocupar o ataque silábico, mas o contrário nem sempre ocorre (COLLISCHONN, 2006). Esse tipo de restrição, que varia de uma posição silábica para a outra, indicia que a relação entre os constituintes da sílaba não pode ser tomada como linear e idêntica. A teoria silábica que abarca essas relações hierárquicas entre os constituintes é a teoria métrica, que tem em Selkirk uma de suas maiores representantes.

Ressaltamos, ainda, que a análise será desenvolvida com base no registro gráfico dos escreventes de bate-papo virtual, ou seja, é a sílaba gráfica que é analisada na realização deste estudo. Em determinados momentos, entretanto, procuramos relacionar sílabas gráficas e fonológicas, com o objetivo de investigar até que ponto a escrita dos usuários de bate-papo indicaria sua inserção em práticas orais – tal como se poderia depreender, por exemplo, das escolhas ortográficas e das relações com a fonética-fonologia da língua que o escrevente poderia estabelecer na (sua) escrita, ou seja, das correspondências (não-convencionais) grafema/fonema.

Além do enfoque fonológico, consideramos neste estudo as características acústicas dos segmentos registrados e/ou omitidos na posição de coda dos vocábulos abreviados. A análise de características acústicas permitirá a elaboração de hipóteses acerca da relação que o escrevente estabelece entre práticas de oralidade e práticas de letramento na escrita na internet.

A fim de investigar se as características acústicas dos segmentos da coda influenciariam seu registro gráfico, este trabalho tomará como base descrições dos segmentos de fala elaboradas por Kent & Read (1992). De início, alguns desafios se apresentam: os autores tratam dos segmentos da língua inglesa, os quais, como se sabe, nem sempre apresentam padrões acústicos idênticos aos da língua portuguesa (além disso, os autores não abordam, especificamente, as características dos segmentos em posição final de sílaba). Outro desafio, conforme mencionado, é que este trabalho não está centrado na análise de dados de fala, como é o caso dos estudos de Selkirk (1982, 1984) e de Kent & Read (1992). No entanto, dada a adoção do conceito de *modo heterogêneo de constituição da escrita*, proposto por Corrêa (2004), acreditamos que seja possível tanto a utilização de uma teoria fonológica da sílaba, quanto a consideração de aspectos acústicos para a análise de dados de escrita. Já que assumimos que escrita e fala são modos de enunciação distintos, mas não dicotômicos, é possível propor que o escrevente, durante o processo de escritura, opera com hipóteses provindas tanto de sua experiência em práticas orais (que, neste trabalho, é capturada por meio da representação de sílaba e das características acústicas dos segmentos na posição de coda) quanto em práticas letradas. Daí a presença visível do que os puristas consideram como “marcas” do oral na escrita – “marcas” essas empregadas para justificar a repulsa pela escrita não-convencional, no caso, a digital.

Acreditamos que este artigo pode contribuir para os estudos na área da Linguística e da Educação, na medida em que une pelo menos duas disciplinas, tomadas na atualidade como complementares e interdependentes – fonética e fonologia –, no estudo de dados de escrita (digital). Afinal, as realizações não-convencionais desses dados, no que tange à coda silábica, parecem não ter exclusivamente motivações da fonologia da língua. É possível verificar influência das qualidades acústicas dos sons efetivamente realizados ou não na oralidade/fala – influência que condiciona o registro ou a ausência gráfica de segmentos na coda silábica.

Descrição do material

As “conversas” analisadas neste trabalho foram coletadas em novembro de 2006, em salas de bate-papo abertas frequentadas por jovens que tinham supostamente entre 10 e 15 anos. O conjunto de textos que compõe o material da pesquisa é formado por duas “conversas”, de aproximadamente 20 minutos cada uma, realizadas em salas de bate-papo do provedor UOL (*Universo On-Line*)⁵. Essas “conversas” foram “copiadas” e “coladas” em arquivos com extensão *.DOC*, a fim de que a preservação física do material fosse assegurada. Cada 20 minutos de “conversa rolada”, gravados em documento *WORD*, equivale a, aproximadamente, 45 páginas de textos impressos em papel com formato A4, margens *default*.

A faixa etária (de 10 e 15 anos) foi escolhida devido ao fato de se afirmar, na sociedade, que jovens nessa idade “assassinam” a língua portuguesa em produções de texto exigidas pela prática escolar tradicional. Convém destacar que observamos, entretanto, ocorrências aparentemente idênticas em salas de bate-papo virtual destinadas a adultos – o que evidencia o fato de o bate-papo ou *chat* ser um *gênero discursivo* (BAKHTIN, 1997), dotado de enunciados compostos por características linguísticas, temáticas e estilísticas semelhantes. Nossa opção por “salas” virtuais destinadas a adolescentes busca, pois, desmistificar a imagem de uma escrita digital supostamente caótica, que induziria o estudante ao “erro” na escrita e, inclusive, diminuiria sua capacidade intelectual.

As salas de bate-papo abertas, objeto deste estudo, consistem em endereços eletrônicos disponíveis na *World Wide Web* (*www*), aos quais podem ter acesso qualquer indivíduo conectado à internet. Esse tipo de página eletrônica é destinado à “conversação” em tempo real e pode ser acessado por meio de provedores de internet, os quais oferecem, gratuitamente (embora, em alguns casos, o acesso gratuito seja restrito a determinado número de usuários), a opção “bate-papo”. Em geral, a capacidade máxima de salas de bate-papo abertas é de 50 (cinquenta) usuários.

⁵ Disponível em: <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em nov. 2006.

Nesse ambiente digital, o internauta pode se comunicar com quantos participantes quiser: basta que ele selecione com um “clique”, à direita da página, o apelido (*nickname*) daquele com quem quer interagir – e, nesse ponto, a identificação ou a repulsa entre os usuários dá-se por meio da imagem suscitada por esses apelidos. Não é possível que o escrevente eleja mais de um interlocutor *de maneira simultânea* para a interação digital; no entanto, essa “limitação” imposta pelo suporte não impede que os escreventes se comuniquem com quantos queiram – basta que eles selecionem, rapidamente, um interlocutor por vez.

Como a quantidade de escreventes que entram e saem de salas de bate-papo é relativamente grande, é comum que os participantes sintam-se inseguros, já que seu(s) interlocutor(es) pode(m) sair da sala a qualquer momento. Esse é um dos fatores que possivelmente contribui para a emergência do processo de abreviação gráfica, muito comum na internet. Para aumentar a rede de relacionamentos, os participantes necessitam economizar tempo, garantindo, assim, o sucesso no processo de interação, isto é, a participação *do outro* no diálogo. *A solução é, então, abreviar(-se).*

A abreviação de vocábulos contribui para que se agilize a digitação, o que ajuda, por sua vez, na manutenção do(s) outro(s) na interação. O resultado, além da abreviação gráfica, é a curta duração temporal das “conversas” na internet. “Conversa-se” com muitos, em pouco tempo e sobre assuntos determinados (por exemplo, sobre dados pessoais dos participantes – nome, idade, local de onde “fala”, tipo físico, interesses pessoais). Afinal, os temas de “conversação” também precisam ser abreviados, em virtude da possibilidade quase que infinda de interações. Essa é a característica principal dos relacionamentos digitais: são efêmeros. Mas, apesar de fugazes e passageiros, os relacionamentos em rede são “íntimos”, marcados pela informalidade e pela tentativa de proximidade. Como os participantes do diálogo comunicam-se em tempo real, mas se encontram afastados espacialmente, é necessário promover um ambiente de familiaridade, de proximidade. Esse também é, em nossa visão, o papel da abreviação gráfica. Dito de outra maneira, as abreviaturas consistem na manifestação gráfica do desejo de aproximação do(s) outro(s) junto a si.

No domínio dos estudos sociológicos, Bauman (2004) observa que, cada vez mais, as pessoas preferem falar em “redes”, não mais em parceiros, pois, diferentemente de “relações”, “parentescos” e “parcerias” – que exigem engajamento mútuo – uma rede serve de matriz tanto para “conectar” quanto para “desconectar” (é o que ocorre, por exemplo, em salas de bate-papo aberto). É nesse contexto que surgem as abreviaturas. As reduções gráficas consistem em importantes indícios da maneira como se dão os relacionamentos em rede. Mais do que mero “corte” de palavras, abreviar é aproximar o interlocutor do bate-papo, fisicamente separado de seu parceiro – e simultaneamente a ele vinculado – pela tela do computador.

Análise dos dados

Com base na perspectiva teórico-metodológica adotada sobre coda silábica e sílaba de Selkirk (1982, 1984), centramo-nos no registros dos diferentes tipos de coda silábica simples do Português: /R/, /S/, /N/ e /i, u/. Ainda que em português exista a possibilidade de preenchimento da posição de coda pela consoante lateral /l/, por não haver, no corpus analisado, abreviaturas que apresentassem essa possibilidade de registro, nossa reflexão não abrangerá o estudo desse segmento. Para tanto, nos baseamos nas possibilidades de preenchimento da posição do declive silábico apontadas por Camara Jr. (1970), posição que, no modelo de Selkirk, corresponde à coda. Posteriormente, relacionamos o número de ocorrências observadas no *corpus* com padrões acústicos propostos por Kent & Read (1992) para esses segmentos, além de relacioná-los com características fonológicas e morfológicas da língua. Buscamos indícios, na escrita de *chat*, da circulação do escrevente por práticas orais/faladas e por práticas letradas/escritas e, de maneira mais geral, evidências da relação estabelecida entre sujeito e linguagem, na internet.

Ao realizarmos o levantamento de quantas abreviaturas apresentavam possibilidade de registro de coda (por existir, na grafia conven-

cional do vocábulo, a posição de coda ocupada), obtivemos um total de 436 ocorrências. Destas, 178 – ou seja, 40,8% – apresentavam a possibilidade de registro de uma ou duas codas, o que totalizou, nessas 178 abreviaturas, 295 locais relativos à posição de coda silábica⁶. Abaixo, a Tabela 1 expõe o índice de registro gráfico de cada possibilidade de coda simples, levando em conta, nos 178 vocábulos abreviados, as 295 possibilidades de registro de coda simples:

Tabela 1. Levantamento de possibilidades de registros gráficos a depender do tipo de coda

Tipos de Codas	Exemplos de Abreviaturas	Registros gráficos de coda	Possibilidades de registro de coda
Nasal /N/	Qtos (<u>quantos</u>) Ond (<u>onde</u>) Tbm (<u>também</u>) Bm (<u>bem</u>) Long (<u>longe</u>)	11 (4%)	16 (6%)
Fricativa /S/	Vcs (<u>vocês</u>) Tá/ta (<u>está</u>) Taum (<u>estão</u>) Qtos (<u>quantos</u>) To (<u>estou</u>) Vm (<u>vamos</u>) Pera (<u>espera</u>)	04 (1%)	35 (12%)
Vibrante /R/	Tc (<u>teclar</u>) Pq (<u>porque</u>) Add (<u>adicionar</u>) Q (<u>quer</u>)	0 (0%)	122 (41%)
Semivogais	Bj (<u>beijo</u>) To (<u>estou</u>)	0 (0%)	122 (41%)
Total	178	15 (5%)	295 (100%)

⁶ Algumas abreviaturas, como *qtos* (quantos) e *to* (estou), têm, respectivamente, duas posições de coda silábica. Essas possibilidades de registro de coda simples se referem às 295 possibilidades observadas nos vocábulos especificadas na tabela (1). Logo, temos 02 abreviaturas e 04 possibilidades de registro de coda, sendo que apenas uma dessas possibilidades foi grafada pelo escrevente de *chat*. Atentamos que os vocábulos *qtos* e *to*, assim como as demais abreviaturas, são recorrentes na conversa analisada, sendo cada aparição somada às 178 abreviaturas enfocadas.

De modo geral, o processo de abreviação na internet se caracteriza, basicamente, pelo recorrente apagamento da vogal que representa a posição de núcleo da sílaba na constituição de abreviaturas. Devido a esse apagamento, supomos que cresça a importância de representação gráfica das consoantes do ataque e da rima, a fim de que a compreensão da abreviatura seja garantida. Procuraremos observar, neste ponto desta reflexão, em quais momentos o escrevente opta por registrar, graficamente, o elemento da posição de coda e se todos os elementos consonantais (e as semivogais)⁷ que podem ocupar essa posição são igualmente registrados.

Os dados apresentados na Tabela 1 apontam para uma tendência à não-representação das consoantes que ocupam a posição de coda: apenas 15 registros em 295 possibilidades, ou seja, 5% do total de possibilidades. Essa tendência à eliminação pode ser explicada, em primeiro lugar, pela própria característica acústica da posição de coda da sílaba e, em segundo lugar, por uma tendência da língua portuguesa em haver o enfraquecimento e/ou apagamento de segmentos em coda.

Lembremos a noção de aclave, ápice e declive, de Camara Jr.. O ápice (Núcleo na teoria de Selkirk) é ocupado por vogais; aclave e declive são ocupados por consoantes. As vogais, quando pronunciadas, são segmentos acusticamente mais sonoros do que as consoantes. Vogais são sons produzidos com vibração laríngea (de modo que o vozeamento é a principal fonte de energia) e com o trato vocal relativamente aberto, modificado para produzir padrões específicos de ressonâncias (de modo que o trato vocal inteiro funciona como um filtro, ou um sistema de transmissão selecionador de frequências) (KENT&READ, 1992).

É possível, assim, entender o aclave como uma subida do grau de sonoridade até o ápice (posição ocupada pela vogal nuclear) e o declive como uma descida do grau de sonoridade (COLLISCHONN, 2006). O

⁷ Exemplos como beijo (bj) e estou (to), bastante presentes no corpus de análise, são considerados como falsos ditongos por Bisol (2005), já que comutariam com monotongos (bejo, esto). Nesses casos, de acordo com a mesma autora, as semivogais integrariam a segunda posição de um núcleo ramificado, e não a posição de coda.

decréscimo acústico do declive (ou a posição de Coda) pode ser, portanto, um dos fatores que contribuem para o frequente apagamento falado e gráfico do elemento consonantal dessa posição. Os dados analisados mostram que o escrevente de bate-papo virtual parece reconhecer essa característica acústica/sonora da sílaba e, ao relacioná-la a (sua) escrita, deixa de registrar os elementos dessa posição.

Outro fator que possivelmente contribui para a omissão do grafema que representa a coda silábica consiste na própria tendência da língua a um processo de enfraquecimento de segmentos em direção à perda do elemento que ocupa essa posição. Alguns fenômenos linguísticos, como a vocalização de /l/, a palatalização de /s/ e a posteriorização de /r/, podem indiciar uma motivação geral para a posteriorização da articulação das consoantes que travam a sílaba, no português do Brasil, o que representa um passo em direção à perda da consoante em posição de coda, chegando ao padrão silábico ideal CV (consoante e vogal) (COLLISCHONN, 2006). Correlativamente, a tendência da língua em buscar o padrão silábico ideal (CV) pode ser, também, uma explicação para a recorrente omissão de grafemas que ocupam a posição de coda em abreviaturas digitais.

A tabela apresentada anteriormente demonstra que os glides <i, u > e a vibrante <r> não foram grafados em posição de coda nas sílabas de vocábulos abreviados que apresentavam, convencionalmente, sílabas CVC. Chama-nos a atenção o fato de que, na descrição de Kent & Read (1992) – no âmbito dos estudos em fonética acústica –, as líquidas (categoria na qual se situa a vibrante) apresentam propriedades similares às dos glides, no que se refere à qualidade sonora (de ressonância). Nas palavras dos autores, “tanto líquidas quanto glides têm uma estrutura formântica bem definida associada a uma diminuição da constricção do

trato vocal que é menos severa do que das obstruintes (plosivas, fricativas e africadas)⁸ (KENT & READ, 1992, p.138, tradução nossa).

Não podemos ignorar a relevância dessas qualidades fonético-acústicas. Com estruturas formânticas bem definidas, glides e vibrantes não são registrados, graficamente, pelos escreventes, no caso do bate-papo virtual pesquisado, o que nos faz supor que a característica acústica desses segmentos não esteja condicionando a ausência do registro gráfico. A não-marcação gráfica de glides e vibrantes parece estar mais diretamente relacionada às práticas orais/faladas dos escreventes, uma vez que glides e vibrantes costumam ser omitidos no modo de enunciação falado da língua.

No caso das vibrantes, notamos que a ausência de registro se dá pelo fato de que elas não apresentam, nos vocábulos encontrados no *corpus*, nenhuma informação morfológica que possa ser tida como relevante para o escrevente, tanto que o “apagamento” também ocorre em práticas orais/faladas, como é o caso dos segmentos de infinitivo em sílabas tônicas de verbos, os quais podem ser omitidos em certas variedades dialetais.

A percepção do escrevente em relação a esses fatos linguísticos parece condicionar a não-marcação gráfica de glides e vibrantes em posição de coda. A ausência do registro do elemento da coda silábica em decorrência de uma característica tida como pertencente ao modo de enunciação oral caracteriza não a interferência do oral no escrito, mas a *heterogeneidade da escrita*.

Chacon e Berti (2008), em investigação sobre o registro de coda simples na escrita de crianças em fase de aquisição da escrita, relacionam as características acústicas dos segmentos dessa posição, a partir da descrição de Kent & Read (1992) e de Johnson (1997), com as características do ouvido humano. A alta ocorrência de /S/ nos dados de

⁸ “both liquids and glides have a well-defined formant structure associated with a degree of vocal tract constriction that is less severe than that for the obstruents (stops, fricatives, and africates)” (KENT & READ, 1992, p.138).

escrita infantil, de acordo com Chacon e Berti (2008), contraria as expectativas acústicas perceptuais, já que, no que tange à fricativa, a “maior concentração de energia acústica em região de frequências mais altas seria menos favorável à sensibilidade perceptual do ouvido humano” (CHACON e BERTI, 2008, p.09).⁹ Nesse sentido, os escreventes não estariam levando em consideração, diretamente, a fala, mas sua inserção em práticas de letramento.

No caso da realização gráfica de /S/ em dados da escrita digital (cf. tabela 1), essa parece estar relacionada a aspectos morfológicos, pois, no *corpus*, /S/ sempre ocorre em casos em que há informação morfológica: ou seja, “-s”, em posição de coda, relaciona-se com a marcação de plural. É o que se observa em *vcs* (vocês) e em *qtos* (quantos). Além de a informação morfológica ser relevante, a sintaxe parece desempenhar importante papel na emergência dessas abreviaturas. É provável, pois, que os vocábulos abreviados que apresentam a marcação do grafema “-s” encontram-se em posição inicial do sintagma. Seguindo esse raciocínio, como é típico do português falado, a marcação do plural é feita apenas no vocábulo inicial do sintagma, evitando-se, assim, marcações redundantes.

Já em *tá*, *to*, *tava*, realizações do verbo “estar”, /S/ encontra-se no radical do vocábulo e não se refere à noção gramatical de número. Além de não “carregar” informação morfológica relevante, essas realizações do verbo “estar” são abreviaturas já cristalizadas no modo de enunciação falado (e, por vezes, escrito) dos escreventes. O mesmo vale para a abreviatura *vm*, a qual, possivelmente, trata de uma correlação estabelecida pelo escrevente com a forma coloquial *vamu*, muito utilizada por jovens em práticas orais/faladas. Novamente, esses dados

⁹ As ondas aperiódicas das fricativas, interpretadas fisicamente como ruído, apresentam uma duração relativamente longa (com alta frequência), que pode ser influenciada por diversos fatores, como, por exemplo, sua posição na frase. As fricativas caracterizam-se, principalmente, por apresentar um reforço acústico nas regiões mais altas do espectro, ou seja, nas frequências agudas (cf. KENT & READ, 1992), menos perceptíveis ao ouvido humano.

indiciam a circulação dialógica do escrevente pelo primeiro eixo proposto por Corrêa (2004): o da gênese da escrita.

Conforme visto na Tabela 1, as codas nasais são as mais grafadas no *corpus*, no que se refere à frequência de registro. Sobre as características fonético-acústicas das nasais, para Kent & Read (1992), os números de picos espectrais e amplitude são comparáveis aos padrões formânticos de vogais, porém, têm menor frequência – o que significa menos energia do que as vogais. Johnson (1997) expõe que a largura de banda dos formantes é maior nos sons nasais do que nos não-nasais. Além dos padrões formânticos, os sons nasais se caracterizam pela presença de antiformantes, os quais, nas palavras de Chacon e Berti (2008, p.09) “causa[m] uma absorção seletiva de energia acústica tanto em uma frequência quanto em sua vizinhança, devido à ressonância característica de um subsistema como o da cavidade nasal”.

Para Kent & Read (1992), a nasalização do sinal acústico influencia outros sons, como a realização das vogais: “em geral, vogais que antecedem ou precedem consoantes nasais tendem a ser nasalizadas em algum grau” (KENT & READ, 1992, p.136, tradução nossa)¹⁰. Segundo esses autores, os ouvintes são sensíveis a tais nasalizações, o que indica que as características das nasais parecem ser percebidas para além do segmento consonantal. Talvez o que Kent e Read definem como “sensibilidade do ouvinte” poderia influenciar a marcação de nasais em posição de coda na atividade dos escreventes de bate-papos virtuais.

A consoante nasal, devido a suas características acústicas, tende, portanto, a ser registrada, graficamente, nas abreviaturas digitais – ao contrário do que ocorre com os glides e as vibrantes. Verificamos, ainda, que, para que esse registro ocorra, outra informação parece ser crucial: a tonicidade da sílaba. Em outras palavras, não é em qualquer posição do vocábulo que o registro da nasal ocorre, mas naquelas em que recai a tonicidade. É o caso do vocábulo *também*, abreviado como *tbm*. Apesar

¹⁰ “In general, vowels preceding or following nasal consonants tend to be nasalized to some degree” (KENT & READ, 1992, p.136).

de o vocábulo apresentar duas codas preenchidas por segmento nasal, apenas a sílaba tônica do vocábulo tem a posição de coda representada graficamente.

Considerações finais

A análise das abreviaturas digitais permite colocar em discussão as diferentes informações linguísticas que o escrevente leva em consideração ao abreviar. Essas informações linguísticas (provindas tanto de práticas orais quanto de práticas letradas) condicionam, a nosso ver, a emergência de abreviaturas.

O uso da abreviação, considerado por muitos como “excessivo”, parece estar relacionado, também, a aspectos discursivos, ou seja, às *condições de produção* (PÊCHEUX, 1990) dos textos de bate-papos virtuais. Neste trabalho, entretanto, limitamo-nos à análise de fatores fonéticos, fonológicos e morfológicos que parecem influenciar a grafia de abreviaturas na internet. Tais fatores nos ajudam, pois, a compreender a prática de escrita em bate-papos virtuais em aberto, muitas vezes repudiada pela mídia, pelos profissionais que lidam com a Língua Portuguesa e com a Educação e pela sociedade em geral.

Quando o escrevente omite o grafema da posição de núcleo da sílaba (o mais frequentemente omitido), aumenta a importância de se registrar os grafemas do ataque e da coda silábica (quando o vocábulo apresenta essas posições preenchidas). O que é importante observar é que nem todos os elementos consonantais da coda são registrados e, quando ocorre o registro gráfico, esse se dá, provavelmente, pelas características acústicas do segmento grafado ou por alguma informação morfofonológica relevante.

A análise dos dados de escrita digital permite observar que o registro ou a ausência do elemento consonantal da posição de coda das abreviaturas está condicionado(a) a diferentes fatores. Informações acústicas dos segmentos e informações morfofonológicas parecem ser

levadas em consideração pelo escrevente, quando esse opta por grafar ou não o elemento da coda do vocábulo abreviado.

No caso da coda nasal, mais frequentemente registrada, consideramos que as características acústicas do segmento nasal parecem ser determinantes para que o escrevente preencha a posição de coda com a consoante nasal. Aliada às características acústicas, a tonicidade da sílaba também consiste em um fator que acarreta a marcação da coda nasal.

No caso dos glides e das vibrantes, as características acústicas desses segmentos não parecem influenciar a ausência de registro gráfico. Nesse caso, o escrevente parece levar em consideração na grafia de abreviaturas o que já utiliza em práticas orais.

No que tange à grafia da fricativa em posição de coda, essa ocorreu sobretudo relacionada à marcação da noção de plural, ou seja, quando aliada a informações morfológicas. Verificou-se, portanto, uma vinculação de ocorrências gráficas de <s> em casos em que se observa sua relação com as práticas letradas/escritas dos usuários de bate-papos virtuais. Esse registro da fricativa, com base na concepção de heterogeneidade da escrita, vem confirmar que o chamado “internetês” não se resume a uma suposta “transcrição” de aspectos orais no gráfico.

A escrita em *chats* da internet reflete, pois, a constante dialogia que existe entre modos de enunciação da linguagem, dialogia esta que constitui a heterogeneidade da linguagem (não apenas da escrita). Merece, assim, ser foco de atenção de pesquisadores e educadores, os quais, ao invés de se oporem à escrita na internet e defenderem uma escrita pura e homogênea, podem buscar maneiras de interpretar os dizeres que compõem as interações síncronas que ocorrem na *Web*. Esses dizeres parecem não se resumir a uma forma simplista, desregrada e/ou a uma transcrição fonética da fala. Conforme atentamos ao longo do trabalho, as ocorrências não-convencionais encontradas em bate-papos virtuais – como as grafias das abreviações de sílabas com coda – podem ser agrupadas em regularidades linguísticas. Dito de outro

modo, na internet, a língua também se materializa (e significa) com base em aspectos formais e estruturais que mostram o incessante diálogo existente entre práticas orais/faladas e letradas/escritas pelas quais o internauta circula.

Agradecimentos

Às professoras Larissa Berti, Fabina Komesu, Luciani Tenani, Cristiane Capristano e ao professor Lourenço Chacon pelas leituras atentas e valiosas sugestões a esta pesquisa.

Referências

ARAÚJO, J. C. A organização constelar do gênero chat. In: XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, 2004, João Pessoa. *ANAIS*. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 1279-1292.

_____. A conversa na *web*: o estudo da transmutação de um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Org.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 91-109.

_____. Os gêneros digitais e os desafios de alfabetizar letrando. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. 46. Campinas: IEL/Unicamp, 2007. p. 79-92.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BRAGA, D. B. A constituição híbrida da escrita nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. *Leitura: teoria e prática*. Campinas (SP):

Associação de Leitura do Brasil (ALB), Mercado de Letras, Ano 18, n. 34, dez., 1999. p.23-29.

CÂMARA JR., J. M. As estruturas da sílaba In.: _____. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

CHACON, L.; BERTI, L. C. Ocorrências de coda silábica simples na escrita infantil. In: MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M.; FINGER, I.; AMARAL, L. I. C. (Org.). *Estudos da linguagem - VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. 1ª ed. EDUCAT: Pelotas, 2008, v. Único, p. 273-289.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.101-133.

_____. *Fonologia do português brasileiro*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. (Mimeo)

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FUSCA, C. J. A relação fala/escrita em abreviaturas na internet. *XIX Congresso de Iniciação Científica*, CD-ROM, 2007.

_____. O processo de abreviação em salas de bate-papo abertas: regularidades e fatores que condicionam seu uso. In: SIMELP I, 2008, São Paulo. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J. (Org.) *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/post/02.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2009.

JAKOBSON, R. Fonema e fonologia. In: SAUSSURE, F. de et al. *Textos selecionados*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural (Coleção "Os pensadores"), 1985.

JOHNSON, K. *Acoustic and Auditory Phonetics*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1997.

KENT, R. D.; READ, C. The Acoustic Characteristics of Consonants. In: _____. *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego, California: Singular Publishing Group, INC, 1992. p.105-144.

LUIZ SOBRINHO, V. V. *A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais na internet*. 2007, 104f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Inst. de Biociências Letras e Ciências Exatas, Univ. Est. Paulista, São José do Rio Preto/SP.

_____. A escrita infantil na internet: regularidades nos usos da vírgula em um bate-papo virtual. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J. (Org.) *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/slp27/07.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2009.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____. & XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. In.: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.61-87.

SELKIRK, E.O. The syllable. In: HULST, F.V. & SMITH, N. (orgs.) *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p.337-383.

_____. *Phonology and syntax, the relation between sound and structure*. Cambridge: CUP, 1984.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. 04. Juíz de Fora (MG): Universidade Federal de Juíz de Fora, 2000. p.51-57.

Carla Jeanny Fusca é licenciada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atualmente desenvolve pesquisa de mestrado em Estudos Linguísticos, na Unesp de São José do Rio Preto, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu e da Prof^ª. Dr^ª. Luciani Ester Tenani. Seu trabalho, intitulado “*VC TC D OND?: a abreviação (de distâncias) na internet*”, é financiado pela CAPES e se vincula aos objetivos do projeto *Oralidade e Letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital*, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu e financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processo 04/14887-8).

E-mail: carlajeanny@yahoo.com.br.

Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho é licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atualmente cursa mestrado em Estudos Linguístico pela UNESP, na linha Oralidade e Letramento, e desenvolve o projeto de pesquisa intitulado *Ausência de vírgulas em bate-papos virtuais produzidos por crianças: um enfoque prosódico e discursivo*, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu e o apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processo n^o. 2008/01879-8). Participa do projeto *Oralidade e Letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital*, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu e também financiado pela FAPESP (processo 04/14887-8).

E-mail: vivivomeiro@yahoo.com.br.

Submetido em: novembro de 2009

Aceito em: fevereiro de 2010